

**REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DO FONOAUDIÓLOGO
COMO UM PROFISSIONAL DA ÁREA DOS DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO
E SUA ATUAÇÃO DO PONTO DE VISTA DA INTERVENÇÃO SOCIAL**

Suely Cecilia Olivan Limongi

FONOAUDIÓLOGA E PROFESSORA-ASSISTENTE NO CURSO DE FONOAUDIOLOGIA
DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Resumo

Através da análise de alguns modelos de estudo da linguagem e da reflexão feita a partir das idéias propostas e da experiência própria ao se considerar a comunicação e suas alterações, tivemos a intenção de levar à discussão o papel do fonoaudiólogo, enquanto um profissional apto a trabalhar na prevenção, reeducação e reabilitação dos distúrbios da comunicação e em sua conseqüente atuação do ponto de vista da intervenção social.

Abstract

The analysis of some language model studies, their reflexion about their ideas, proposes and personal experiences about the problems regarding to the communication and their alterations lead to a discuss about the speech therapist as a professional able to operate in the area of prevention, re-education and rehabilitation of communication disturbances, and consequently, about the point of view of social intervention.

O objetivo maior e que resume a atuação do profissional na área da prevenção, reabilitação e reeducação dos distúrbios da comunicação é prover os meios mais eficazes de comunicação do indivíduo com o meio em que vive, levando-se em consideração suas condições físicas, psicológicas, educacionais e sociais.

Por 'comunicação' entende-se todas as maneiras possíveis que levam o indivíduo a se fazer entender em suas necessidades e desejos e, da mesma forma, entender o meio social de que faz parte. É, portanto, a transmissão de experiências, idéias, conhecimentos, necessidades, sentimentos. Através de uma visão ampliada desse processo, Spitz (1984; p.17) nos fornece uma conceituação onde o indivíduo é o centro de relações sociais, físicas e afetivas, ao mesmo tempo influenciador e influenciado por essas mesmas relações:

Chamaremos comunicação a qualquer alteração perceptível do comportamento, seja intencional ou não, dirigida ou não, com a ajuda da qual uma ou mais pessoas podem influenciar a percepção, os sentimentos, as emoções, os pensamentos ou as ações de uma ou diversas pessoas, seja esta influência intencional ou não.

De uma maneira mais abrangente, ainda muito próxima do senso comum, quando se pensa em 'comunicação' tal conceito é logo relacionado com 'fala' e 'linguagem'. Por 'linguagem' podemos entender a organização e expressão do pensamento em um sistema indissolúvelmente associado com a atividade mental humana. O que caracteriza a linguagem é a sua função representativa, que será interpretada através dos processos de codificação, decodificação e recodificação. E 'fala' podemos definir, de modo sintetizado, como articulação de sons, que organizados de maneiras diversas, resultarão nas palavras, sendo estas um dos componentes da tradução do pensamento.

Genérica e resumidamente afirmamos que a linguagem é abordada, enquanto tema de estudos e pesquisas, sob variados pontos de vista e filosofias, de acordo com a disciplina a que possa estar vinculada. Sob o aspecto lingüístico, do estudo da estrutura da língua e de sua atualização na linguagem, enquanto sistema e conjunto de relações, toda uma abordagem mais recente tem sido tomada no sentido de considerá-la como um sistema de sinais. O sinal lingüístico é visto como uma entidade de duas faces, ou seja, significante e significado, com o objetivo de remeter ao referente ou ao objeto designado. A palavra vai se desenvolver inscrita em um tempo, através de sucessões, seguindo uma linearidade em que, em um âmbito maior se dá o discurso que, por sua vez, pode ser recortado em unidades cada vez menores, chegando-se aos fonemas, ou menores ainda, de modo a se alcançar seus traços constitutivos. A linguagem pode ser considerada como um caso particular de classe de símbolos, com uma implicação mútua em relação à cultura, podendo, assim, ser considerada como parte integrante da vida social.

Esta visão transportada para o modelo proposto por Chomsky (1957, 1965) irá mostrar a aquisição da linguagem apoiada em uma hipótese principal que pode ser sintetizada na

idéia dos 'universais lingüísticos'. O próprio autor afirma que todo indivíduo dispõe de uma estrutura inata com a qual terá a capacidade de construir uma gramática. Para que tal construção se efetue, alguns fatores são necessários: os dados fornecidos pelo ambiente, entre eles um sistema de regras sintáticas, mas não totalmente rígido, de modo a permitir a ocorrência de tal operação, usando também a criatividade. Em outras palavras, há necessidade de um equilíbrio entre os processos de imitação e de criatividade, permitido pelo que Chomsky chamou de 'competência lingüística'. Embora não tivesse sido um problema amplamente abordado pelo autor, deve-se levar em consideração, também, as diferenças individuais como dados de interferência nesse processo.

Se definirmos 'linguagem' do ponto de vista cognitivista e adotarmos a visão dada por Piaget, (1973, 1978), esta vem a ser uma das manifestações da capacidade humana de representar eventos, mesmo na sua ausência. Pertence a uma classe de comportamentos tipicamente humanos, que implicam uma representação dotada de significação, sendo, portanto, dependente de funções cognitivas e de imitações. Por outro lado, como uma atividade cognitiva, é um sistema que combina símbolos de acordo com regras, que devem ser adquiridas e aplicadas na conservação e na compreensão. Um aspecto particular da linguagem a ser salientado é que ela não é apenas um meio de comunicação e representação do conhecimento; ela é, por si mesma, um objeto a ser conhecido. Pode-se observar, assim, que a aquisição da linguagem é função da elaboração das estruturas cognitivas, além de depender também de um modelo exterior.

A linguagem vem a ser um dos componentes da função semiótica. Por função semiótica entende-se, como aponta Leber (1976; p.23), o processo que permite "*evocar representativamente um objeto ou um acontecimento ausente (significados), por símbolo parecido com o objeto ou por sinais arbitrários (significantes), que são claramente diferenciados do significado*". Assim, essa evocação representativa possibilita o pensamento e fornece um ilimitado campo de ação que vem se opor às restritas fronteiras da ação sensoriomotora e da percepção, embora sejam estas últimas a base necessária do desenvolvimento desse processo. Citando as próprias palavras de Piaget (1983; p.27) "*é legítimo considerar a linguagem como desempenhando um papel central na formação do pensamento, na medida em que constitui uma das manifestações da função simbólica, cujo desenvolvimento é por sua vez dominado pela inteligência no seu funcionamento total*".

Ao analisarmos a visão interacionista da linguagem, tendo Vygotsky (1979) como expressão maior, sem que Wallon seja esquecido, fica clara a aplicação do conceito de mediação na interação homem-ambiente pelo uso de instrumentos no uso de signos, estejam eles presentes na linguagem oral, na escrita ou no sistema de números. Dessa forma, o autor

ênfata que o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e na cultura, uma vez que a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provoca transformações no comportamento e estabelece um elo de ligação entre as formas tardias e as formas iniciais do desenvolvimento do indivíduo. Seguindo-se esse raciocínio, a linguagem surge cumprindo duas funções essenciais: a intrapessoal e a interpessoal, dependendo da ênfase dada ao tipo de relação estabelecida pelo indivíduo, ou seja, consigo mesmo e com o outro, respectivamente.

Resumindo as idéias de Vygotsky (1984; pp.31-32), é válido apresentar uma citação própria:

a capacidade especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Sinais e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças. (...) Através de experiências repetidas, a criança aprende, de forma não expressa (mentalmente), a planejar sua atividade. Ao mesmo tempo ela requisita a assistência de outra pessoa, de acordo com as exigências do problema proposto. A capacidade que a criança tem de controlar o comportamento de outra pessoa torna-se parte necessária de sua atividade prática.

É importante, agora, enfatizar que o homem não usa apenas a capacidade oral como condição de comunicação. Todo seu corpo faz parte desse processo, com mímicas e posturas, além do emprego de outros códigos. Portanto, usa-se um discurso intersemiótico que irá traduzir o pensamento. Nesse ponto, vale ressaltar os comentários feitos por Geertz (1973; p.91) mostrando que o pensamento é anterior à fala e não condicionado por ela, permitindo, também, uma vida emocional funcional. A maneira como se dará a manifestação desses pontos mais abrangentes é determinada pelos recursos naturais disponíveis no meio social do indivíduo onde o "falar, no sentido específico de vocalizar sons, está longe de ser a única instrumentalidade pública disponível para indivíduos num meio cultural preexistente." Mas, algumas vezes, certos aspectos do discurso intersemiótico são priorizados, como por exemplo a linguagem oral, gestos e posturas corporais, desenhos, linguagem escrita. Ao se pensar em um indivíduo que apresente alteração em uma ou mais das condições necessárias à comunicação efetiva, sejam elas física, psicológica, educacional ou social, e

considerando-se esse mesmo indivíduo como um ser social, a atuação do profissional em questão deverá abranger o trabalho com o indivíduo e com o meio. Esse meio será mais restrito ou mais amplo dependendo da idade, nível socioeconômico-cultural e da alteração apresentada. A partir do momento em que o trabalho desse profissional é aceito e que se tem como objetivo principal prevenir, reeducar ou reabilitar, está-se falando em mudanças, sejam elas em nível do próprio indivíduo (pelo menos física e psicologicamente), sejam em nível social, considerando-se família, escola, trabalho. A atuação, portando, se dá com transformações em vários níveis, ficando claro, dessa maneira, que a intervenção feita (conscientemente ou não) também se dará em tantos outros níveis.

Por intervenção social podemos considerar as idéias trazidas por Foucault (1974), que aponta a intenção sistemática de influência no sentido de se fazer uma crítica ao desenvolvimento do processo que se está operando. Transportando tal pensamento a nossa área de atuação, poderíamos considerar nossa intervenção no processo de terapia fonoaudiológica. Tal influência e tal crítica estão intimamente ligadas a transformações que levam, obrigatoriamente, a uma análise da teoria e da prática relacionadas ao campo de trabalho e à construção de um programa de atuação. Para que essa intervenção seja feita de maneira eficaz, que é o objetivo principal, pelo menos conscientemente, é necessário que o profissional esteja munido do conhecimento específico, relativo a sua atuação, e do geral, que o levava à compreensão do objeto de seu trabalho – o indivíduo – enquanto participante de uma realidade social. É preciso ainda contar com a experiência para, assim, poder elaborar e selecionar as estratégias mais adequadas para atingir os objetivos traçados. Dessa maneira, o conhecimento teórico inicial será reajustado às sucessivas alterações introduzidas pela experiência, requerendo-se uma previsão proporcionada pela teoria, além dos conhecimentos objetivos dos efeitos provocados pelas tentativas de intervenção.

Assim sendo, cremos ser da máxima importância enfocarmos e quereremos analisar nosso paciente como um indivíduo (integrado física e psicologicamente) participante de uma realidade social que, muitas vezes, lhe é hostil, segregacionista, protecionista, falsamente adequada nas soluções que se lhe apresentam de integração. Com relação ao termo 'realidade social' é importante afirmarmos que certos aspectos estão sendo avaliados, como família, no sentido estrito (pais e filhos) e amplo (demais membros componentes), escola, trabalho e atividades de lazer.

A partir do momento em que nosso trabalho é estendido a qualquer uma dessas áreas que faça parte da vida do paciente, estaremos fazendo uma intervenção, no sentido de que nossa atuação resultará em mudanças, como anteriormente já mencionamos. Dessa forma, torna-se muito importante que faça parte de nossa atuação profissional, além da elabora-

ção de um plano de trabalho terapêutico, uma definição clara do problema, isto é, que os itens apontados acima sejam avaliados de maneira cuidadosa, fornecendo, assim, uma visão global do caso.

A nosso ver, a definição do problema está centrada em alguns fatores importantes de percepção consciente que levarão a uma investigação e a uma análise para chegar a prováveis comprovações e reelaborações de atuação. Com relação ao termo 'percepção consciente' entendemos o mesmo argumento usado por Percy (ver Geertz, 1973; p. 186) que "*é um ato de reconhecimento, uma combinação na qual um objeto (ou um acontecimento, um ato, uma emoção) é identificada por sua colocação contra um pano de fundo de um símbolo apropriado*". Dessa forma, será possível chegar àquilo de que se sente falta e àquilo que é necessário para suprir tal lacuna, de modo a se constituir "*um modelo simbólico aplicável sob o qual subordinar o 'algo não familiar' e, assim, torná-lo familiar.*" (Idem, *ibidem*; p. 186) Seguindo tal linha de raciocínio e identificando-se como objetivo principal de compreensão a comunicação não efetiva do paciente que nos procura, fica claro que, para nosso trabalho atingir tal objetivo amplo, devemos, além de analisar as dificuldades de comunicação do ponto de vista lingüístico, psicológico e educacional, ater-nos às reais condições de integração e necessidades sociais.

Uma vez estando levantados estes itens que oferecem grandes influências no desenvolvimento do processo terapêutico realizado pelo fonoaudiólogo e feitas as considerações acima relatadas, constatamos a grande responsabilidade de que é munido nosso papel profissional ao cumprirmos nosso objetivo mais amplo: tornarmos mais efetiva a comunicação de indivíduos que apresentem dificuldades, de maneira integrada, nos vários aspectos que compõem sua realidade (física, psicológica, educacional e social).

Com vistas a esse último ponto levantado, nossa preocupação volta-se, então, aos estudantes da área, no sentido de fornecermos, durante todo o período de formação profissional, os conhecimentos necessários que lhes permitam uma compreensão dos quadros patológicos do ponto de vista clínico, teórico e prático, mantendo sempre a visão de integração do paciente que estiver sob seu cuidado.

Referências bibliográficas

- CHOMSKY, N. (1957). *Syntatic structures*. Mouton, The Hague.
- _____ (1965). *Aspects of the teory of syntax*. Cambridge, Massachussets, The MIT Press.
- FOUCAULT, M. (1974). A verdade e as formas jurfdicas. *Série Letras e Artes*. Rio de Janeiro, PUC. (16), jun. de 1974.
- GEERTZ, C. (1973). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar.
- LERBERT, G. (1976). *Piaget*. São Paulo, Nacional.
- PIAGET, J. (1973). *Problemas de psicolingüística*. São Paulo, Mestre Jou.
- _____ (1978). *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro, Zahar.
- _____ (1983). *Problemas de psicologia genética*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- SPITZ, R. A. (1984). *O não e o sim*. São Paulo, Martins Fontes.
- VYGOTSKY, L. S. (1979). *Pensamento e linguagem*. Lisboa, Antfdoto.
- _____ (1984). *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes.